

Da Obscenidade à Pornografia ⁽¹⁾

Minhas Senhoras e Meus Senhores :

Causou escândalo, no nosso meio, o aparecimento de uma antologia de poesia portuguesa, erótica e satírica, compilada e seleccionada por uma escritora contemporânea.

Algumas pessoas que compraram essa antologia reagiram indignadamente; e um conhecido titular e escritor residente no Porto e falecido há poucos meses, mandou encadernar e pôr um cadeado na capa do exemplar que adquiriu.

A polícia apreendeu parte da obra, que não fora vendida; e o Ministério Público promoveu um processo contra a autora, editor e mais responsáveis ⁽¹⁾, que foram condenados judicialmente em 21 de Março de 1970.

Diversas pessoas alegaram que era um abuso de autoridade, porquanto se tratava de uma obra científica.

Não era nada uma obra científica.

Era suja publicação de obscenidade e de pornografia.

Honestamente, não pode classificar-se de obra científica um trabalho que reproduz poesias pornográficas, obscenas, torpes, de linguagem despejada, acompanhadas de ligeiras notas biográficas dos respectivos autores, e, ainda, em que a própria organizadora inclui versos pornográficos de sua autoria.

Se há que admitir que uma antologia erótica tem de ser torpe, de linguagem despejada, indecente, despudorada, imoral, o aparato científico, todavia, tem de ser, realmente, trabalho científico, metódico, aplicando regras de hermenêutica, de causa a efeito, de explicação psico-social, ou outras, e não meras notas biográficas dos autores.

Neste campo de matéria não-decente, de matéria sexual, encontra-se obra científica, por exemplo, no conhecido trabalho

⁽¹⁾ — Conferência pronunciada no Clube dos Fenianos Portuenses, sob os auspícios da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, no dia 16 de Abril de 1970.

de Egas Moniz, ou na tese de José Bacalhau, que abordam o assunto sob o ponto de vista médico.

Se se quiser enveredar por outros sectores culturais, também se encontram trabalhos científicos na Etnografia ou na História das Religiões.

Com efeito, uma pléiade de escritores portugueses, entre os quais Alberto Vieira Braga, Francisco Afonso Chaves, Armando Leça, Laudelino de Miranda Melo, Fernando Russel Cortez, José de Pinho, José Leite de Vasconcelos, José de Pina, Ataíde de Oliveira, José Rodrigues dos Santos Júnior, J. A. Pires de Lima, Alberto Pimentel, Ary dos Santos, e outros, aos quais há a acrescentar o escritor espanhol Fermin Bouza-Brey, trataram, cientificamente o tema, tanto nos seus aspectos folclóricos e etnográfico, como o simbolismo do sardão, da figa, ou do milho-rei nas tradições populares portuguesas, quanto ao aspecto religioso dos cultos fálicos, ou na superstição do arremesso dos dentes ou, ainda, no concernente a aberrações de usanças diversas, como as **Procissões dos Nus**, práticas indecorosas de mulheres nas festas de São Gonçalo de Amarante, licenciosidade do cisma da Granja do Tedo, **rebola** na arrancada do linho, etc.

Estes, sim, fizeram trabalhos científicos, não só descrevendo os factos e os costumes, mas também pesquisando as suas causas e outras implicações, procurando conhecer a razão de ser de tais práticas — e o leitor não se ofende com a leitura de tais obras.

Que é a obscenidade ?

Que é a pornografia ?

Parece que os termos **obscenidade** e **obsceno** entraram na língua portuguesa no século XVI, proveniente do Latim por via culta.

Na língua latina **obscenum** significava mau agoiro, sinistro, funesto, fatal, feio, sujo, imundo, indecente — e, ainda, as partes pudendas, ou símbolos respectivos.

Na linguagem portuguesa a palavra ficou com os últimos significados, perdendo o sentido de sinistridade ou de fatalidade.

É obscena qualquer coisa que um sentimento de decência ou de pudor manda que se não mostre ou se não diga.

Na marcha da sociedade para níveis elevados de etiqueta, decência, dignidade e boa-educação, a obscenidade, o obsceno, é algo a eliminar, suprimir, esquecer. Representa inferioridade moral, indecência, indignidade, ultraje, incorrecção, inconveniência.

O professor Ramos afirma, mesmo, que as palavras obscenas, livremente exteriorizadas, são aspectos agressivos, possível-

mente de recalcaamentos sexuais, em relação com a sexualidade pré-genital — e, assim, entramos no campo da psicologia profunda para explicar o seu aparecimento (2).

Por sua vez, **pornografia** é termo composto por elementos gregos e somente no século XIX teria surgido na língua portuguesa.

Pornos é termo de composição culta, que traduz a ideia de prostíbulo, prostituição, e aparece em **pornocracia**, ou influência preponderante das cortesãs no governo; em **pornografia**, ou escrita de assuntos torpes, podendo ainda, significar colecção de gravuras ignóbeis; em **pornógrafo**, ou autor de escritos pornográficos. Ainda se encontra o elemento **pornos** na palavra **pornéu**, antiga designação de lupanar.

Portanto, actualmente, obscenidade implica relação com as partes pudendas. Profere obscenidades quem se refere a essas partes, em si, ou às suas funções.

Pornografia implica descrição de actividade exercida em prostíbulos. É pornografia qualquer escrito que descreva tal actividade, ou qualquer estampa que a mostre.

Os dois termos estão intimamente associados, pois toda a actividade pornográfica é obscena.

Como surgiu a ideia de obscenidade ?

A Bíblia diz que, em dado momento, enquanto se encontravam no Paraíso Adão e sua mulher, estavam, ambos, nus, e não se envergonhavam.

Mas, desde que comeram do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, se lhe abriram os olhos e, tendo conhecido que estavam nus, coseram umas folhas de figueira, e fizeram, para seu uso, umas cintas.

Parece, pois, que há um primitivo estado de inocência e de candura, concomitante com a ignorância da ciência do bem e do mal; mas, desde que se adquire esta ciência, o seu primeiro resultado é uma autógnose e o aparecimento do sentimento da vergonha, ou seja, o aparecimento do pudor.

Pudor de quê ?

Vergonha de quê ?

A criança, nos primeiros anos, não tem pudor. Não sente o nu.

Povos selvagens há que não sentem pudor, andam nus, e, muitos são, ou eram castos ou, para eles, era normal o exercício das funções naturais.

Além dos povos semicivilizados, cujo pudor não é desenvolvido, há um povo civilizado para o qual o nu não é vergonha: o povo japonês.

Pudor porquê ?

Vergonha de quê ?

É de supor que, primitivamente, tenha havido repulsa ou repugnância pelo aspecto excretório, alargada essa repulsa, posteriormente, ao exercício instintivo de outras funções orgânicas; aparecimento duma má opinião acerca do acto físico de amar, em consequência do preceito de que «amar é pecar», o que teria como resultado vergonha de se devassarem e tornarem patentes, regiões corpóreas íntimas, cuja exibição suscitaria o aparecimento de pensamento libidinoso e lascivo, conducente aos excessos sexuais ou à obsessão do vício.

Assim, a vergonha, o pudor, teria uma função terapêutica de higiene moral.

Esta higiene moral origina o homem são, o homem saudável, sem inibições, sem exigências nem curiosidade ou interesse pela sexualidade. Quando este ser humano tem oportunidade de exercer qualquer actividade decente, normal, artística ou desportiva, o impulso sexual desaparece, sem que se perca a virilidade.

Segundo Freud, a actividade sexual, deste homem são, constitui forma dissimulada e oculta, sob a qual o talento artístico opera quando a sociedade materialista sujeita o individuo a inibições forçadas e artificiais, entre as quais a acção educativa.

Mas, nem sempre o homem é são.

Pode ser adulto de corpo e diminuído ou enfermizo de espírito. O seu interesse pela sexualidade, existente durante a imaturação de espírito, permanece sem se dissipar, porque não se tornou adulto, ou porque não se tornou são. Torna-se, então, um neurótico, um desequilibrado sexual, um débil moral.

Pode, ainda, ter um especial complexo de inferioridade: a atracção pelo ordinário, pelo reles, a nostalgia da lama.

Surge, em consequência, a explosão sexual, por vezes com aspectos de torpeza, como o exibicionismo obsceno ou a obsessão pornográfica.

Os espíritos débeis têm paixão pela pornografia. O primeiro uso que fazem da escrita, é escrever obscenidades por toda a parte. Os seus desenhos, infantis ou infantilizados, são, também, obscenos, pornográficos. E, com frequência, dizem palavras de baixo vocabulário, contam anedotas indecentíssimas.

Apesar da repressão social, não se coíbem de agir torpemente.

A pouco e pouco o seu número aumenta, amplia-se, cresce até ser assustador e alarmante, gerando um ambiente de decomposição, degradação e dissolução moral, constelado de obscenidade, erotismo, pornografia.

Abala-se o sentimento da dignidade com os embates crescentes dos vícios e conspurcações que se desenvolvem.

A sedução dos prazeres materiais, carnais, dos vícios e da corrupção, torna-se cada vez mais intensa e multiplica-se o número de pessoas que gostam de obscenidades.

Esta atmosfera sexual excitante; este degradante clima moral, contaminando toda uma geração, faz desaparecer os seus valores morais.

A tolerância ante a progressiva perversão dos costumes, nomeadamente de costumes juvenis que não se realizam na maturação, transforma-se em cumplicidade; e, à sua sombra desce o nível dos costumes e da acção educativa, entoxica-se e degenera a sociedade, que se encaminha para o suicídio moral.

Embora a perversão tente liquidar todos os aspectos morais herdados de precedentes períodos, ficam, sempre, relíquias que se transformam em sementes de reacção.

A História aponta-nos diversas fases de decadência moral, de degradação, em todos ou quase todos os povos.

Assírios e caldeus; egípcios e hebreus; gregos e troianos; romanos e bisantinos; europeus do Renascimento ou Asiáticos lascivos; homens do século XVIII ou do século XX, todas estas gentes, e muitas outras, tiveram fases mórbidas de degeneração moral sob o signo da obscenidade, da pornografia, da sensualidade — mascarada pelo culto de Astarteia ou de Vénus; eufóricas nas festas dionisiacas ou nas bacanais; poéticas nos arroubos de Safo; literárias nos contos do Decameron de Bocácio; rebeldes no tempo do Rei-Sol; e **beatlesca** ou **hippiesca** em nossos dias, sendo de notar, contudo, que não são os juvenis guedelhudos de nossos dias os únicos cultores da pornografia e da obscenidade do nosso tempo.

Pode dizer-se que há épocas sociais de sanidade mental, em que florescem os valores morais em todos os campos, da Religião à Arte, da Polícia à Justiça, da Ciência à Caridade, do Trabalho ao Heroísmo — e há épocas de decadência sob o signo maléfico da obscenidade e da pornografia.

Na sua evolução, a Sociedade parece avançar em curva sinuoidal, de altos e baixos, ou, talvez mais exactamente, numa curva helicoidal em que, a cada passo dado, se repetem as mesmas situações fundamentais, quando atinge as mesmas coordenadas azimutais em relação a dado ponto meridional ou vernal, à falta de outra denominação, embora cada ciclo fechado comporte elementos novos e imprevistos. Seria a lei do eterno-retorno.

Mas, neste momento, agora e aqui, tentaremos estudar a

génese da explosão sexual e pornográfica, de que somos testemunhas.

Em dado momento, qualquer sociedade institui uma série de regras de protecção, principalmente de crianças, adolescentes, mulheres, em relação às manifestações de baixeza, torpeza, imoralidade.

O código então instituído condena a corrupção de menores, o ultraje ou o atentado ao pudor, o ultraje à moral, e outras práticas que, por palavras ou actos, desenhos ou escritos, ofendam o pudor ou a dignidade geral ou sejam consideradas impudicas.

Tudo o que ofenda ou choque o conceito médio, geral, do país, a média do sentimento da grande maioria das pessoas, e se refira, mais ou menos expressamente, ao campo sexual, é crime condenável.

Porém, como já disse, elementos débeis, portadores de taras morais, degenerados, infringem o Código e nem sempre são punidos.

Da mesma forma, porque mesmo até nos povos mais puritanos, há quem goste ou seja curioso da pornografia ou da obscenidade, surge uma arte naturalística ou simbólica, mais ou menos atrevidamente obscena, acompanhada por uma literatura mais ou menos livremente pornográfica.

O espectáculo público, circense ou teatral, cinematográfico ou televisionado, é importante veículo do avanço pornográfico.

As minorias «ilustradas» são, por via de regra, o ambiente onde prolifera, devidamente explorado, o erotismo pornográfico; enquanto a massa, menos culta, mais pobre e, por estas razões, mais desesperada, é o meio onde floresce a obscenidade, a praga, o palavrão.

As classes «ilustradas» manifestam passividade e tolerância ante a progressiva inflacção da torpeza, tornando-se uma «sociedade permissiva» (3).

A mentalidade geral, numa transição e transigência lentas, mas constante, assimila a torpeza, criando um ambiente cada vez mais inferior.

Os fatores da degeneração fazem afrouxar os reflexos morais e, por excesso de tolerância, só se reage perante graves atentados e ultrajes, enquanto que as formas menos graves, ainda na véspera consideradas escândalos e crimes, passam à categoria de hábitos e de lugares-comuns.

As regras instituídas e codificadas, fruto dum esforço ascensional no caminho da decência, vêem-se postergadas, a pouco e pouco, não só pelo aumento quantitativo dos elementos nocivos por constituição degenerada, mas também pelos elemen-

tos demasiadamente tolerantes e complacentes, que permitem o alastramento da infecção moral.

Entre outros aspectos da corrupção porcalhona, encontra-se o advento do palavrão, que se populariza, triunfante, passando da categoria de interjeição à de substantivo ou de verbo, mas, em qualquer caso, revelando aspectos de latrinária mentalidade.

Quando se atinge determinado grau de obscenização e de pornografização, surge o cálculo interesseiro, que leva à exploração comercial da perversão.

Certos autores começam a escrever livros sobre assuntos corruptos, porque sabem do seu êxito comercial. Só lhes importa ganhar dinheiro e, primeiro, a literatura de escândalo, depois, a literatura de torpeza, são o produto oferecido pelos interesses económicos das organizações publicitárias que especulam com a sensibilidade mórbida do público, arrastando-a para o campo da imoralidade, por vezes, de maneira aliciante.

A pornografia passa a ser negócio que enriquecerá: é a industrialização da torpeza.

Que importa que, despertando e explorando os mais baixos instintos humanos — reprovados, condenados pela decência — se destrua a moral, calando fundo na alma, a toxidade ignóbil, que suscita o vício?

Venha dinheiro! Venha dinheiro! Isto é que importa!

De quando em vez há, ainda, uma arrancada das debilitadas forças morais: mas surge, sempre, a hoste decadentista, que proclama a pornografia e a obscenidade como manifestações progressivas duma arte, duma literatura, duma cultura modernas.

A par de produções de artistas e de literatos de segunda categoria, surgem, também, trabalhos de mentalidades de talento, prestando seu culto à porcaria.

Nos meus tempos juvenis, havia um escritor francês, considerado pornográfico. Hoje, passaria por moralista de candura, ante, por exemplo, a literatura policial, de origem americana, que, na quase totalidade da que tem sido traduzida em português, se compõe de novelas em que surgem, repentinamente, temas pornográficos, palavras obscenas, grosseria erótica.

Organiza-se pornografia.

Quem a organiza?

Diremos que há uma enorme força, vinda não se sabe de onde, destinada, em especial, a destruir tudo o que o homem tem de nobre, digno, bom, para o animalizar.

Essa fortíssima força do mundo da corrupção, que não conhece fronteiras, delinea e estabelece um programa que, dia a dia, se vai realizando e cumprindo.

Por um lado, a degradação, a corrupção, o gozo desenfreado de bens e de prazeres materiais, em fisiologia pura. Por outro lado, o comércio da pornografia e da imoralidade — com ilustrações e revistas, livros e discos, cinema e teatro, pintura e artesanato de conteúdo imoral.

Sempre se teve a França, nomeadamente Paris, por centro de corrupção. Se o foi, o seu mundo de galantaria já passou à História: a lição de perversão sexual, a cultura **sexi**, na literatura, procede dos Estados Unidos e, no cinema, vem da Suécia, onde se cultiva a obsessão sexual.

Mas, se a tradição da violência, da perversão sexual, do comércio de drogas, da imoralidade, em suma, se mantém na Praça Pi-galle ou na Canebière, no Bairro Chino de Barcelona, ou no Eurocenter de Hamburgo, ou em Amesterdão, onde, em janelas-vitrines de certas ruas se expõem mulheres de vida fácil, é preciso reconhecer que, na puritana Inglaterra, se legalizou a homossexualidade; na Holanda, se não foi celebrado, religiosamente, um casamento de homens, houve qualquer coisa de muito parecido e de muito escandaloso; numa montra de Londres se exibiram seis raparigas nuas, como publicidade duma **boutique**; em Roma, se apreenderam, em Fevereiro de 1968, 650 000 exemplares de revistas de pornografia e sordidez; em Copenhague, em Junho de 1969, o salão da Bolsa foi atravessado por uma jovem nu, no mais completo exibicionismo, e, em Outubro do mesmo ano, indo mais além dessa manifestação, se realizou uma Feira Internacional do Sexo e da Pornografia, sem que os seus participantes, homens e mulheres, velassem o rosto com pejo...

Os focos pornográficos tendem a multiplicar-se.

Todavia, a misteriosa e poderosa força actuante em prol da imoralidade não consegue eliminar por completo a herança de decência e moralidade, deixada pelo período anterior, e esses restos, esses vestígios, vão actuar como sementes de novo surto moral.

Mesmo antes de se atingir o grau de plena saturação obsceno-pornográfica, surgem reacções.

Na Dinamarca, o país da Feira da Pornografia, as pessoas decentes e honestas descerraram uma lápide tumular, com a seguinte inscrição: AQUI JAZ O PUDOR DA DINAMARCA, ES-RANGULADO NO VERÃO DE 1969. RESSUSCITARÁ QUANDO O POVO ACORDAR.

E diz bem. As instituições — A Igreja, o Estado, a Escola — ainda não souberam reagir convenientemente, apesar de todas as leis repressivas em vigor.

Há que se atingir um azimute de decadência e de corrupção, que só terminará quando os sentimentos decentes e dignos, do povo, rude e são, depositário de valores morais, se ergam em colérico clamor contra os factores de degeneração.

Outras reacções se notam: apreensões de literatura, música e outras formas de arte obscena e pornográfica, protesto de gente decente, campanhas diversas.

Creio, todavia, que ainda se não atingiu o grau de saturação, o azimute.

E em Portugal ?

O único mérito que pode atribuir-se à antologia da poesia portuguesa erótica e satírica, é constituir uma antologia ou recolla de textos pornográficos, desde o alvorecer da nacionalidade até nossos dias.

Tal recolha mostra que, desde esses tempos remotos até hoje, não só poetas menores, mas também os maiores poetas, com raríssimas excepções, não tiveram pejo de cultivar o género.

Direi que, em Portugal, os ciclos histórico-sociais não apresentam fases distintas, obsceno-pornográfica e não-obsceno-pornográfica, porque todo o **passo** do movimento contém uma carga erótica acentuadamente sexualizada ou obscena que, nem sempre sendo bastante para o caracterizar, ou para degradar as suas fases, nem por isso deixa de ter as suas manifestações.

Dever-se-ia isso a uma característica da nossa psicologia, a uma constante da nossa maneira de ser.

Em meu entender, existe na nossa alma colectiva uma vivência, uma constelação obsceno-pornográfica, por vezes recalcada, mas suficientemente forte para eclodir logo que a mais pequena variação do condicionalismo do ambiente faça afrouxar a repressão, manifestando-se, nos espíritos mais elevados, quase sempre sob a forma lírica.

Mas, teria, somente, colorido pornográfico, obsceno, sexual: a indecência, a deseducação, o ordinário ombrearam com ele, manifestando-se da mesma forma.

Em resumo: a nossa mentalidade colectiva seria porca.

Porquê ?

Como não é de aceitar uma transmissão hereditária de pornografia, há que aceitar a existência de uma influência ambiental, familiar, viária, escolar, social, polivalente, polifaceta, polimorfa, formada de elementos acidentais, de carácter sexual, ocorridos na família e captados com a curiosidade ávida da criança para esses mistérios; da observação e registo de ocorrências vistas

ou ouvidas na rua; de informações confidenciais sussurradas na escola ou na oficina; e, posteriormente, da acção intencional de agentes de perversão, débeis morais ou gananciosos industriais da pornografia, que exploram a curiosidade das crianças, não só ávidas de conhecer alguns dos referidos mistérios da vida, mas, também, vulneráveis à assimilação de veneno imoral, através de ironias, chistes, graças, troças, anedotas e outras maneiras de fazer rir. Influência secular, permanente, sugestiva, de maior ou menor intensidade consoante as épocas de oposição do **passo** do ciclo, ou de conjunção com o mesmo **passo**.

Essa influência grava os seus esquemas nas sucessivas camadas de personalidade que cada meio e cada época depositam em nós. E, se, inconscientemente, repetimos o que assimilámos, estamos a perpetuar algo — e a formar uma constelação negativa no Arquétipo nacional: a par da tendência para a desobediência, do vandalismo artístico gratuito, da aversão à Matemática e à Física, a constante da pornografia e da obscenidade.

Este Arquétipo, esta mentalidade pornográfica, produziu, não somente toda a literatura pornográfica e obscena, que se estadeia desde o alvorecer da nacionalidade, e constitui um género normalmente escondido, mas também, certo número de obras, tidas por clássicas, um dia apreciadas em meios de nível de vida e de educação bastante elevados para o seu tempo — minorias «ilustradas» — mas obras esmaltadas de **flores** obscenas...

Deste tipo de literatura clássica e porca foi padrão o autor do teatro popular: Gil Vicente.

Todavia, nessa época faustosa e rica do Renascimento, não foi somente ele a manifestar-se: muitos outros há acompanhando idêntico movimento europeu, numa pujança criadora de literatura imoral.

A Igreja e o Estado reagem, sem dúvida, — e, decerto, com o tácito apoio de homens como Sá de Miranda, que souberam manter a dignidade das letras, como portadores de valores morais, sementes de reacção de moralidade.

Mas, no fundo, a reacção não era violenta: certa tolerância tem em vista a nossa maneira de ser e permite muitas infracções.

Desta tolerância ou passividade dá testemunho Tomé Pinheiro da Veiga, ao escrever, na **Fastigímia**, que «os portugueses, todo o seu falar é...», e termina com a palavra que imortalizou Cambronne.

No final do século XVIII houve, de novo, um surto de poesia pornográfica, correspondendo, de certo modo, a idêntico surto na Europa. A sua principal figura foi Bocage, cuja poesia ainda hoje se lê — e cuja vida atormentada mas entremeada de aventuras e de pitoresco, tem dado lugar a sórdidas especulações de

editores sem escrúpulos, que lançam, periódicamente, folhetos de anedotas atribuídas, indignamente, ao grande vate setubalense.

Depois das lutas liberais, pacificada a família portuguesa das fraticidas lutas caseiras, surge novo surto de poesia pornográfica.

Na prosa, o romance realista presta-se ao escandaloso atrevimento da narração escabrosa, quando não vai mais longe, com o romance patológico de Abel Botelho, as novelas nitidamente pornográficas de Alfredo Galis ou amorais de Vaz Ferreira, enquanto António de Albuquerque, com o seu **Marquez da Bacalhoa**, faz da literatura latrinária plataforma de propaganda política.

O advento da República permitiu certa eclosão de imoralidade e de má criação verbal, resultante da convulsão política, mas sem grande alcance.

Foi durante e depois da Guerra de 1914-18 que o fenómeno se começou a generalizar, como, de resto, aconteceu noutros países (4).

Em Junho de 1917, na **Revista de História**, surge um protesto contra o desaforo que, em nome da Literatura e da Ciência, engana os ingénuos e embota apressadamente, o carácter dos já propensos ao mórbido e ao erotismo. Deve-se à pena do sr. Eduardo Moreira, conhecido historiador e pastor protestante.

Dá-se, no entanto, um reflorir de espiritualidade, que sublimou altamente a sensibilidade nacional: quero referir-me a Fátima.

Deu-se a segunda Grande Guerra, e, com ela, a eclosão do grande surto pornográfico que se prolonga até nossos dias.

Embora haja quem afirme que nós, os portugueses, somos castos, e haja forte corrente fanático-metafísica proclamando que «amar é pecar», a verdade é que, hoje, se faz sentir intensamente, no nosso país, a corrente obsceno-pornográfica.

Já não se trata, somente, de maior amplitude do reino do palavrão, tornando-o de palavra indecorosa em lugar-comum banal na conversa do dia a dia.

Já não se trata, somente, de maior amplitude do reino do patiga de escárnio e mal-dizer, pornográfica mesmo, que o poeta lê aos amigos e circula em cópias manuscritas ou dactilografadas.

Já não se trata, somente, de literatura bordelenga, como a de Abel Botelho ou de Alfredo Galis.

Vai-se mais longe.

O mercado literário está a ser invadido por literatura estrangeira, pornográfica, como já disse. Literatura **sexi** — de romances onde pululam as palavras tidas por mais grosseiras e as mais completas descrições de actividade libidinosa.

Já chamei a atenção para o romance policial ou de aventuras, procedente dos Estudos Unidos.

Só se compreende esta invasão admitindo a existência de ávidos editores que, para aumentar lucros, escolhem aquele género, propositada mas gananciosamente.

Diga-se em abono da verdade que alguns escritores nacionais não ficam atrás dos estrangeiros em pornografia e auto-degradação.

O teatro de revista foi considerado, sempre, fonte de desmoralização e continua; mas o seu papel é muito pequeno em face da influência avassaladora dos **sexacionais** filmes de origem sueca ou estadunidense, que excitam os sentidos e alimentam a indústria ou o comércio destruidor da moral social.

Estes exemplos, estas influências calam fundo na alma dos débeis e dos predispostos, criando desequilíbrios psicológicos que podem levar ao crime.

Desta forma há os decadentistas defensores do valor artístico ou literário da pornografia e obscenidade, e tristemente célebre é um desenhista lisboeta, especializado neste assunto, com numerosas edições.

Recentemente, o Professor Doutor Aurélio Quintanilha, em entrevista à **Vida Mundial**, disse que, em Portugal, quando se fala de sexualidade, pensa-se, logo, em pornografia e tudo o que se refere ao sexo é assunto tabu.

As palavras do ilustre cientista são precioso testemunho de que não é fácil fazer educação sexual, de base científica e moral, porque a nossa mentalidade é porca e deforma, logo, as boas intenções.

Relativamente à influência dos estímulos exteriores, de repercussão libidinosa, peço a V. Ex.^{as} que se dignem evocar a excitação que provocaram dois ou três versos da canção «A Esfolhada»:

.....Luar de Agosto,
Quem faz um filho,
fá-lo com gosto...

Se, cá dentro, como no estrangeiro, tendem a multiplicar-se os focos pornográficos, há, também, reacções contra a insistente invasão de ondas de pornografia corrosiva.

Posso agrupar as reacções de que tenho conhecimento em três grandes grupos:

O dos nacionalistas que, em nome do prestígio da Pátria, desejam evitar a degradação que lança adultos, adolescentes e,

até, crianças, num mundo de porcaria, de imoralidade e de infecção com afrouxamento das resistências morais da grei portuguesa. Foi seu último campeão um conhecido semanário de Lisboa, agora acabado.

O grupo dos moralistas, enojado com a autodegradação do homem pela pornografia das imagens, dos espectáculos, das leituras. Encontramos diversos nomes neste grupo, colaborando em jornais, proclamando que tudo o que é digno de respeito deve ser respeitado, ou verberando o que se chama «o convite à valsa»⁽⁵⁾.

O terceiro grupo é constituído pelos crentes, cujas tribunas vão desde um importante diário lisboeta, até modestas vozes de domingo, ou equivalentes, da província⁽⁶⁾.

Estas vozes não clamam no deserto.

Por vezes, são ouvidas superiormente, e determinam acções oficiais de repressão, ao abrigo da legislação penal, ou por força da adesão que, em 1922, Portugal deu à **Convenção sobre as publicações obscenas e repressão da sua circulação**, resultante do **Acordo Internacional de Paris**, de 4 de Maio de 1910.

Já estava redigido este trabalho, quando tomei conhecimento da nota dimanada em 16 de Fevereiro findo, do Gabinete do Sr. Ministro do Interior, comunicando que o Governo ordenara rigorosa vigilância perante a campanha de dissolução de costumes, e enunciando que, durante o ano de 1969, tinham sido apreendidos e destruídos cerca de 383 000 exemplares de publicações pornográficas.

Embora a percentagem corresponda a um exemplar por cada dois mil portugueses, na realidade é muito — até porque não há outros tantos exemplares de obras educativas, já não digo com o mesmo carácter aliciante, mas ao mesmo preço, a contrabalançar a sua deletéria influência.

Trata-se de sementes esporádicas, ou já atingimos o grau de saturação e estamos a caminho firme de uma fase de sanidade mental, antipornográfica?

Ao terminar, se creio em certa fatalidade histórica, resultante da evolução cíclica das sociedades, no seu eterno-retorno, não significa que admita a sua passiva aceitação.

Há que reagir, mas não basta a repressão, que não destrói as origens.

Há que atacar a pornografia nas suas causas, mesmo que se considere uma das constantes do nosso Arquétipo.

Se há que combater, tenazmente, o cálculo racional dos que

exploram a mentalidade baixa, na mira de lucros fáceis, há também, que nos preocuparmos com melhor formação moral.

Há que realizar uma acção educativa, séria e profunda, que cabe à Família, à Igreja, ao Estado, à Sociedade e, muito em especial, à Escola, já que as outras instituições não podem ter uma reacção permanentemente tensa.

Talvez seja conveniente rever métodos educativos. Mas, o que é necessário é que a educação se aperfeiçoe, vença e sublimar a fase de degradação individual, no seu progredir, e resista à perversão social.

Esta é a tarefa imediata, sem dúvida.

Mas, porque não se prega moral a estômagos vazios e a gentes desesperadas, há ainda, em missão a longo prazo, que combater a miséria, porque «a miséria brutaliza quando obriga a viver em condições inferiores à condição de ser humano. Deforma a conduta e faz perder o respeito pela pessoa humana, levando a proferir palavras obscenas, acompanhadas de gestos com significado sexual no sentido da perversão e degradação»⁽⁷⁾.

Mas, há mais: tem de surgir um quarto grupo de reacção, grupo que seja a síntese dos agrupamentos nacionalistas, moralistas, crentes, e algo mais.

Grupo que promova a redenção da grilheta obsceno-pornográfica, substituindo-a por uma atitude de alegria sã, moralmente sã, optimista, construtiva, limpa, com base na Higiene — na Profilaxia Social.

Nós!

Falcão Machado

(1) — Diários de 9 de Janeiro de 1970.

(2) — A CRIANÇA PROBLEMA, in A CRIANÇA PORTUGUESA, II, p. LVII.

(3) — Artigo do *Diário de Notícias*, transcrito no *Jornal de Sintra*, de 21-2-70.

(4) — Por curiosidade, quanto a Espanha, ver Venceslau Fernandes Flores, «Os que não foram à Guerra».

(5) — Artigo de Olavo de Eça Leal no *Jornal de Notícias*.

(6) — Em especial, o jornal A VOZ, de Lisboa, por exemplo no editorial de 10-3-70, além da colaboração de Mariana Rita, Judite Maria, Manuel de Lemos, Manuel Braamcamp Sobral e outros, em 1969-70.

(7) — Merícia Nunes, in A CRIANÇA PORTUGUESA, vol. VII, p. 423.